

# **I CONGRESSO CRIM/UFMG**

## **GÊNERO E INTERFACES COM SAÚDE FÍSICA E MENTAL**

---

G326

Gênero e interfaces com saúde física e mental [Recurso eletrônico on-line] I Congresso  
CRIM/UFMG: UFMG – Belo Horizonte;

Organizadores: Luiza Martins Santos, Mariana Karla de Faria e Raíssa Emmerich Santana  
- Belo Horizonte: UFMG, 2021.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5648-366-5

Modo de acesso: [www.conpedi.org.br](http://www.conpedi.org.br) em publicações

Tema: Gênero, feminismos e violência.

1. Violência de Gênero. 2. Saúde. 3. Mulher. I. I Congresso CRIM/UFMG (1:2021: Belo Horizonte, MG).

CDU: 34

---



# I CONGRESSO CRIM/UFMG

## GÊNERO E INTERFACES COM SAÚDE FÍSICA E MENTAL

---

### **Apresentação**

O CRIM/UFMG é um Programa de extensão universitária da UFMG sobre violência de gênero, proveniente do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão em Crimes Contra a Mulher criado em 2019 por um grupo de estudantes universitárias da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que perceberam a necessidade de ampliar o espaço de debates, denúncias e enfrentamento da violência de gênero dentro da instituição.

O objetivo do Programa é trazer para o grande público questões relevantes referentes ao combate à violência de gênero de forma didática e acessível, de modo a contribuir em diferentes perspectivas, a partir da atuação estudantil em frentes com Profissionais de Saúde, Educação, Infância e Juventude bem como na abordagem de acolhimento de migrantes e refugiadas. Dessa forma, entende-se a necessidade de se desenvolver atividades – que não se limitem ao espaço acadêmico - por meio da criação grupos de estudos, eventos, campanhas de conscientização sobre o tema, além de ministrar oficinas, cursos e capacitação que abordem os diversos tipos de violências de gênero numa perspectiva de promoção da igualdade de gênero. Nesse sentido, o Programa, a partir de uma construção coletiva, busca romper com a cisão criada em uma sociedade desigual e assim, colocar como sujeitos políticos grupos historicamente marginalizados.

Nessa perspectiva, o I Congresso CRIM / UFMG - Gênero, Feminismos e Violência pretende incentivar o debate sobre os progressos e desafios em relação à temática gênero, considerando a integralidade da vivência do ser mulher em uma sociedade machista, cisgênera, heteronormativa, com claros atravessamentos de classe e raça.

O GT 5 - Gênero e Interfaces com Saúde Física e Mental se propôs a discutir experiências conexas ao gênero e saúde física e/ou mental, a partir da compreensão da saúde não apenas como uma ausência de doenças ou no seu aspecto biológico, mas sim como um produto de determinantes e barreiras sociais, econômicas, históricos e políticos. Assim, foram acolhidos os trabalhos que promoviam a reflexão sobre o gênero, como direitos reprodutivos/sexuais, esterilização, violência obstétrica, violência doméstica, papéis de gênero entre outros. Esses temas se vincularam à saúde física e mental e os textos foram desenvolvidos mediante pesquisas de abordagens qualitativas e/ou quantitativas ao realizarem um estudo com relevância teórica e prática. Alguns pontos discutidos foram: 1. Direitos reprodutivos e/sexuais e questões relacionadas a humanização da saúde; 2. Depressão, ansiedade e gênero;

3. Violência Doméstica; 4. Assistência à vítima de violência e suas consequências na saúde; 5. Políticas Públicas voltadas para gênero e saúde; 6. Desigualdade de gênero entre profissionais da saúde; 7. O papel do cuidado na saúde da mulher; 8. Promoção e acesso à saúde; 9. Transexualidade e saúde e 10. Vulnerabilidades sociais e autonomia.

**OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA SOBRE A SAÚDE MENTAL E FÍSICA DE  
TRABALHADORAS SEXUAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**THE IMPACTS OF VIOLENCE ON THE MENTAL AND PHYSICAL HEALTH OF  
SEX WORKERS: AN EXPERIENCE REPORT**

**Lilian Tatiana de Barros Vieira <sup>1</sup>**  
**Karina Dias Gea <sup>2</sup>**

**Resumo**

O objetivo deste artigo é compreender a raiz da violência no trabalho sexual e como isso afeta o bem estar físico e mental das trabalhadoras sexuais. A metodologia utilizada é o relato de experiência de uma trabalhadora sexual (TS). O resultado encontrado é que, o trabalho exercido em si não é violento; mas o estigma e a informalidade colaboraram com a violência contra quem o exerce. Concluímos que a saída para superação se dá pela valorização do ativismo realizado pelas TS na luta para a formulação e aplicação de políticas públicas específicas de acesso à saúde e segurança.

**Palavras-chave:** Trabalho sexual, Prostituição, Violência

**Abstract/Resumen/Résumé**

The objective of this article is to understand the root of violence in sex work and how it affects the physical and mental well-being of sex workers. The methodology used is the experience report of a sex worker (SW). The result found is that the work itself is not violent, but the stigma and informality collaborated with the violence against those who perform it. We conclude that the way out is by valuing the activism performed by SWs in the struggle for the formulation and application of specific public policies of access to health and safety.

**Keywords/Palabras-claves/Mots-clés:** Sex work, Prostitution, Violence

---

<sup>1</sup> Professora, Socióloga pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Massagista Tântrica, Trabalhadora Sexual

<sup>2</sup> Psicóloga pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mestre em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (PPG-PSI)

## 1. Introdução

Qualquer jovem que esteja em apuros financeiros, pode se tornar uma prostituta, como argumenta Prada (2018), justamente o que enfrentei quando saí de Belém (PA) para Belo Horizonte (MG), que me fizeram entrar na prostituição visto que eu estava sozinha na nova cidade, com aluguel, alimentação, transporte e outras despesas para custear.

A partir da minha experiência como massagista tântrica e prostituta, e com a ajuda de trabalhos acadêmicos de Leticia Barreto (2013) e Monique Prada (2018), eu defino trabalho sexual como toda atividade laboral que envolve o dinheiro como meio de troca. São tipos de trabalhos sexuais: a prostituição presencial e virtual, a massagem tântrica com ou sem finalização, massagem nuru, as performances de strippers, o show de gogoboys, sugar daddy e outros são tipos de trabalhos sexuais (BERSNTEIN, 2007).

Em 2014, por intermédio de uma outra TS, conheci a Associação de Prostitutas de Minas Gerais (APROSMIG), e a partir daí iniciou-se minha participação nesse ativismo. A partir desse contato, tenho conhecido pessoas ligadas à pesquisa acadêmica, ativistas de outros movimentos, como a segunda autora, que contribuíram para que fosse despertado em mim, o interesse em desenvolver pesquisa sobre a atividade laboral a partir da minha própria experiência.

E o contato com professores da Faculdade de Medicina e do curso do Programa de Pós Graduação de Promoção e Prevenção à violência por meio do Projeto Para Elas, Por Elas, Por Eles, Por Nós<sup>1</sup>; participação em disciplinas isoladas e eventos e com o Projeto Mina<sup>2</sup> despertaram em mim o interesse em querer estudar violência, um tema tão caro e traumático a toda sociedade brasileira.

## 2. Objetivo

**2.2 Objetivo Geral:** Com base na minha história de vida, que passa por ser uma mulher cis, negra, pobre, migrante e prostituta, neste artigo busco compreender a relação entre violência e adoecimento psíquico e físico de trabalhadoras sexuais.

**2.3 Objetivos Específicos:**

---

<sup>1</sup> Projeto de Atenção Integral à saúde da mulher em situação de violência (SOUZA, 2016)

<sup>2</sup> O Projeto MINA da Escola de Ativismo, desde outubro de 2018, visa apoiar ações coletivas para a promoção da dignidade e visibilidade das reivindicações das trabalhadoras sexuais cisgêneras, transexuais e travestis de Belo Horizonte e Região Metropolitana.

- Analisar os tipos de violência sofridos na prostituição e no trabalho sexual como um todo, a partir da história de si (RAGO, 2013);
- Refletir sobre a violência e adoecimento no trabalho sexual por meio de um relato de violência experienciado por uma das autoras desse artigo durante um atendimento com massagem tântrica;
- Contribuir para apontar caminhos possíveis para superação da violência no mercado de trabalho sexual.

### **3. Metodologia:**

Trata-se de um relato de experiência, de abordagem crítico-reflexiva, acerca da vivência da primeira autora que é uma trabalhadora sexual e que reflete, durante a escrita de si (RAGO, 2013) às violências sofridas durante o exercício laboral e na suas vivências como putativista.

### **4. Um relato de experiência sobre a(s) violência(s) contra uma trabalhadora sexual**

A minha trajetória na prostituição começou no ano de 2013, um ano após ter chegado a capital. De 2013 até 2014, eu conciliei três tipos de atividade: o trabalho no telemarketing, o trabalho sexual e o trabalho de professora de sociologia no Estado. No telemarketing, eu trabalhei com carteira assinada durante um ano. No trabalho sexual, eu exercia por meio de anúncios em sites e em duas casas de massagem. Paralelamente também trabalhei como professora de sociologia com contratos de curta duração.

A partir do ano 2014, eu continuei como professora de sociologia e mantinha como segunda fonte, o trabalho sexual, que por muitas vezes era mais rentável que lecionar. Durante os meus atendimentos prostitutivos, alguns clientes começaram a solicitar massagem. No passado, eu tive contato com o universo do Tantra e massagens, então decidi estudar sobre o assunto, fazer cursos em terapia tântrica e aplicar massagem tântrica no trabalho sexual, decidi investir nos estudos acerca do tema como a massagem tântrica, psicoterapia tântrica e em sexualidade humana.

À medida que, eu me qualificava e aperfeiçoava na teoria e nas práticas, o número de clientes que procuravam atendimento somente para massagem aumentava. As vezes cerca de dez atendimentos por semana, oito eram de massagem e dois eram massagem mais sexo. Associar o sexo ao tantra, foi a forma que eu encontrei de fazer mais dinheiro. Porque nos atendimentos que aliavam massagem mais sexo, o valor do atendimento era maior. Além do

que, a massagem tântrica ao mesmo tempo que é muito relaxante, é muito excitante também. E esses elementos juntos dão um caráter extremamente terapêutico ao ato sexual.

O tantra é uma filosofia comportamental que busca desenvolver o autoconhecimento por meio da sexualidade. E por ser uma filosofia originária da Índia e está intimamente a espiritualidade, aliar a massagem tântrica ao sexo pago é condenado por muitos/as terapeutas tântricas/os. Por algum tempo, eu tive dúvidas e receios em relação aplicar massagem tântrica à minha prática laboral, porque nos espaços aonde eu estudei terapia tântrica a prostituição é condenada. Mas, depois que eu comecei estudar mais sobre sexualidade humana e participar do ativismo de prostitutas eu rompi com essa culpa e puritanismo. E agora, estou mais tranquila em relação a essa situação.

Ao longo da minha história de vida fui enfrentando estigmas e violações para conseguir chegar até aqui e escrever sobre minha experiência, sobre as reflexões que venho construindo enquanto mulher, trabalhadora sexual e ativista. A minha experiência com a violência no trabalho sexual é bem semelhante as violências que sempre sofri dentro da minha vida em família, com namorados e com a sociedade de modo geral.

Nessa atividade laboral as violências se deram em várias ocasiões, mas uma, em especial, que me marcou muito foi com um cliente que me contatou pelo site e por um mês ele ficou conversando comigo pelo whatsapp e tentando me convencer a encontrá-lo no centro de BH, e de moto irmos até a residência dele. Por muitas vezes eu recusava, porém um dia ele me ofereceu um bom valor para o serviço de massagem + sexo, então eu aceitei atendê-lo em sua casa.

Ele me informou que o endereço de sua residência era em uma região nobre de BH e eu achava que todos os bairros daquele território seriam assim. Porque eu já tinha trabalhado em uma casa de massagem e em bons hotéis daquela região. Além disso, o fato de eu trabalhar com massagem tântrica, ser graduada em um curso universitário, nunca foi raro eu frequentar hotéis de alto padrão, e bairros da classe média, classe média alta de BH. Todavia minha expectativa não era real, ele morava em uma favela e, como mulher, fiquei com medo da situação e do local.

Eu lembro que quando cheguei no bairro eu fiquei preocupada e até comentei com o motorista do uber, que eu estava achando estranho o lugar e que estava pensando em voltar, mas ele me confortou dizendo que ali era um bairro novo por isso tinha aquele aspecto meio que rural, mas que eu não preocupasse.



De início eu já tive dificuldades para encontrar a casa do cliente, porque o número que ele me informou não estava escrito no muro da casa. E quando eu finalmente consegui achar a casa, o local da moradia era muito insalubre, era um puxadinho, conjugado com outras casas. Ao entrar na casa senti um cheiro de éter muito forte, esse homem estava com um aspecto muito estranho, eu confesso que fiquei muito apreensiva, mas consegui realizar a massagem e depois fomos fazer sexo, conforme o combinado.

Durante o ato sexual, na posição que fiquei de costas, eu senti que ele tentou retirar a camisinha, mas rapidamente eu me virei de frente e controlei a situação. Quando terminou o atendimento, ele disse que precisava sacar dinheiro num banco na avenida para poder me pagar, pediu que fosse de moto com ele até o local, mas eu não aceitei. E como o motorista do uber estava me esperando (foi a minha estratégia de segurança), eu fui no carro com o motorista e seguimos ele, quando chegamos no local combinado ele não estava, aguardamos por um tempo e ele não apareceu.

Nesta situação me senti violentada, logo fui a um posto da polícia militar o qual fui muito mal atendida pelos policiais, quando contei a eles o que aconteceu, fui alvo de chacotas e encontrei muita resistência por parte dos funcionários em querer fazer o Boletim de Ocorrência. Depois, fui encaminhada até um posto da PM em Venda Nova, lá mais uma vez fui alvo de chacotas e encontrei muita resistência, mas insisti até que um policial aceitou registrar o BO. No documento constava como um “distrato comercial”, além disso eu também fiz uma denúncia no disque 180.

Quando saí da delegacia já na madrugada, lembro que cheguei em casa e não consegui dormir. Durante o dia, busquei atendimento médico na Unidade de Referência Secundária Centro-Sul, além de assessoria jurídica e psicológica na Associação de Prostitutas de Minas Gerais (APROSMIG).

Na unidade de saúde fui atendida por um psiquiatra e uma ginecologista que me receitaram, respectivamente, um ansiolítico e uma profilaxia pós exposição de risco à Infecções Sexualmente Transmissíveis. Na APROSMIG, fui encaminhada para o Centro Especializado de Atendimento à Mulher - Benvinda da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

Durante a conversa com médicas, quando contei o ocorrido, eu percebi que eu tinha sofrido uma estupro, porque, por mais que a relação com ele fosse estritamente comercial, ele não cumpriu com o que foi acordado. Além de não ter pago, ele tentou retirar a camisinha e

me fez atender em um local insalubre. Ou seja, foi desrespeitoso e não cumpriu com o que tinha sido estabelecido.

Ter que recontar várias vezes essa história tanto para voluntárias da APROSMIG, médicas, para a psicóloga e advogadas do Benvinda e nas duas delegacias especializadas no atendimento à mulher só me fizeram adoecer ainda mais, porque precisei retomar a situação que gostaria de esquecer. Ainda mais, na delegacia especializada em atendimento à mulher, pois a forma como faziam as perguntas para mim, parecia que eu estava mentindo. Durante o atendimento, a delegada me informou que o meu caso não estava prescrito pela Lei Maria da Penha, visto que não era uma violência doméstica ou familiar, que se tratava “somente” de um distrato comercial. Inclusive me aconselharam a não dar prosseguimento ao caso, porque o cliente tinha problemas com o crime e poderia me perseguir. Compreendi depois que vivenciei a revitização devido aos atendimentos recebidos dos serviços citados, seja pela necessidade de atender os nos procedimentos técnicos, como pela falta de humanização e o acolhimento.

## **5. Reflexões a partir da(s) experiência(s)**

Durante os oito anos como trabalhadora sexual, compreendi que a violência como marca indelevel do trabalho sexual é originada de dentro da sociedade. Afinal, por mais que tenha poucos dados sobre as violências que as trabalhadoras sexuais sofrem, acreditamos que é correlata aos dados alarmantes sobre violência contra mulheres e pessoas transgêneres no Brasil, pois somos o país que mais mata pessoas transgêneres no mundo (TRANSGENDER EUROPE, 2016), o quinto país em números de assassinatos de mulheres (WAISELFISZ, 2015), sendo que a cada 8 minutos, uma mulher é estuprada no país (FBSP, 2020).

Logo, para nós, a violência presente no trabalho sexual é fruto da violência que existe dentro da própria sociedade, visto que "a prostituição não é intrinsecamente violenta, mas pode ser tornar, principalmente devido ao seu caráter informal e subterrâneo" (BARRETO, 2013, p.134). Afinal, a legislação brasileira reconhece o trabalho sexual, mas não as relações de trabalho que nelas existem (BARRETO, 2013; LENZ, 2011). Os vários tipos de violência que as trabalhadoras sofrem no exercício do trabalho sexual são traduzidos em falta de respeito de muitos clientes que acreditam pelo fato de sermos prostitutas, somos obrigadas a nos submeter a situações humilhantes; pela falta de locais limpos e seguros de trabalho; dos assassinatos que são comuns de acontecerem nesse mercado de trabalho; a impunidade dos

assassinos; e em discriminação, em falta de respeito e incompreensão de familiares, de amigxs e da sociedade em geral.

Cabe destacar que, além das violências, percebemos que o trabalho sexual é marcado pelo adoecimento físico e mental de trabalhadoras sexuais. Visto que pelo forte estigma, pela falso status de ilegalidade, pela moralidade e pela falta de seguridade de direitos sociais, que facilmente são oferecidas a outras profissões, implicam numa maior vulnerabilidade à violação de direitos dessas trabalhadoras (BARRETO, 2013), o que impacta na saúde de forma integral e que afeta na qualidade de vida.

## **6. Considerações Finais:**

Acreditamos que para solucionar ou minimizar essas violações é necessário reconhecer a legalidade e a ocupação como um trabalho, que sustenta mulheres e famílias. Além disso, precisamos fortalecer e potencializar o ativismo promovido pelas próprias trabalhadoras sexuais, visto que são elas que formam um corpo de atrizes sociais que promovem pressão nas instituições governamentais na elaboração e implementação de políticas públicas.

Para o combate da violência contra essa população a elaboração e implementação de políticas públicas específicas se faz cada vez mais necessária, pois só assim visamos que essas mulheres possam ter acesso à saúde, assistência social, segurança em instituições que possuam profissionais qualificados e preparados para um atendimento integral e que não seja revitimizada.

## **7. Referências Bibliográficas:**

BARRETO, Letícia Cardoso. Prostituição: Gênero e Trabalho. Editora Multifoco. Rio de Janeiro, 2013.

BERSNTEIN, Elizabeth. Sex Work for the Middle Classes. Sexualities, 2007. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/249719961\\_Sex\\_Work\\_for\\_the\\_Middle\\_Classes](https://www.researchgate.net/publication/249719961_Sex_Work_for_the_Middle_Classes)> acessado em: 20 jul. 2021.

LENZ, Flávio. O Estado da Saude e a “doença” das prostitutas: Uma análise das representações da prostituição nos discursos do SUS e do Terceiro Setor. Monografia (Especialização em Comunicação e Saúde) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT), Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

Disponível em: <  
[https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/6549/1/Flavio%20Lenz\\_monografia.pdf](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/6549/1/Flavio%20Lenz_monografia.pdf)>  
acessado em 20 jul. 2021.

FBSP. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020. Ano 14, 2020.

MOREIRA, Isabel Cristina Cavalcante Carvalho; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza. Vivência da entrevista fenomenológica com prostitutas: relato de experiência. Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn), Brasília 2009 set-out; 798-92. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/RvCts6JQnzFBfPVhKLvd9nF/>> acessado em 20 jul. 2021.

PRADA, Monique. Putafeminismo. São Paulo. Veneta, 2018 (Coleção Baderna).

RAGO, Margareth. A AVENTURA DE CONTAR-SE: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

SOUZA, Elizangela Gonçalves. Projeto Para Ela, Por Elas, Por Eles, Por Nós: opiniões e atitudes de profissionais acerca da atenção à mulher em situação de violência, em 10 municípios brasileiros. 2016. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-AJNNVB>. Acessado em 07 de agosto 2021

TRANSGENDER EUROPE. Trans murder monitoring, 2016. Disponível em: <<https://transrespect.org/en/tdov-2016-tmm-update/>> acessado em 23 nov. 2018.

WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da violência 2015. Homicídios de mulheres no Brasil. 1ª Edição, Brasília - DF. Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), 2015.